

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
CENTRO MULTIDISCIPLINAR DE ANGICOS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (2025.2)

O PROTAGONISMO FEMININO NA FICÇÃO CIENTÍFICA ESPECULATIVA E SEU POTENCIAL PEDAGÓGICO PARA UM “*BRAVE NEW WORLD*”: GÊNERO, DISTOPIA E EDUCAÇÃO

Brenda Ellen Ribeiro da Silva¹
Evanilson Gurgel de Carvalho Filho²

RESUMO

O presente artigo explora o protagonismo feminino em obras de ficção científica especulativa contemporânea, abordando as implicações pedagógicas das representações de gênero em narrativas distópicas. O objetivo geral é o de analisar o primeiro livro da saga “Jogos Vorazes”, de Suzanne Collins (2008), evidenciando seu papel enquanto currículo cultural não escolar e seu papel na construção das subjetividades dos/as leitores/as, a partir das discussões possibilitadas no que diz respeito às relações de gênero apresentadas na obra. Logo, investigamos como a protagonista dessa história desafia as normas tradicionais de gênero e se posiciona como figura de resistência, possibilitando a produção de outros modos de subjetividades para além dos hegemônicos. Amparado pelo campo dos Estudos Culturais em Educação, em diálogo com teorias feministas e as teorias pós-críticas do currículo, o artigo discute como essa personagem pode ser analisada em um contexto educacional, de modo a fomentar o pensamento crítico, a autonomia e a reflexão sobre as relações de poder, identidade e justiça social. O estudo destaca o potencial das narrativas distópicas para contribuir na formação de jovens leitores/as críticos/as, capazes de questionar e subverter as estruturas sociais e de gênero.

Palavras-chave: Ficção especulativa; distopia; protagonismo feminino; artefato cultural; currículo.

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura em Pedagogia, Universidade Federal Rural do Semi-Árido (Campus Angicos). E-mail: brenda.silva24221@alunos.ufersa.edu.br.

² Doutor em Educação, Mestre em Educação, Licenciado em Ciências Biológicas e em Pedagogia. Professor Adjunto da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (Campus Angicos). Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Ensino (UERN/IFRN/UFERSA) E-mail: evanilson.gurgel@ufersa.edu.br

1 INTRODUÇÃO

A ficção especulativa é um gênero literário que apresenta histórias distantes da realidade que conhecemos, mas ainda assim com situações que se assemelham ao nosso cotidiano. Dentro deste escopo, encontramos subgêneros como a ficção científica e a distopia, que Pereira (2023) explana como narrativas que geralmente se passam após um evento global ou fenômeno natural de proporções tão grandes que geram uma ruptura entre a realidade que conhecemos e uma nova organização da sociedade com aqueles/as considerados/as “sobreviventes”.

Historicamente, a representação feminina na literatura foi marcada por problemáticas que giravam em torno de situações românticas e problemas emocionais nas quais as mulheres eram postas como figuras dramáticas, inocentes, puras ou ainda limitadas a figuras auxiliares dos protagonistas masculinos. Livros clássicos como “Orgulho e Preconceito”, por exemplo, escrito por Jane Austen e publicado inicialmente em 1813, apesar de tratar sobre questões sociais, inescapavelmente focaliza em uma narrativa romântica das personagens, que influenciadas pela mãe — que tem como única objetivo de vida, casá-las — são levadas a preocupar-se exclusivamente com o matrimônio. Apesar disso, a personagem principal demonstra pouca disposição a casar-se, mas dentro da trama encontra seu par ideal e o faz mesmo assim, resultando no já clássico “*felizes para sempre*”.

Contemporaneamente podemos observar algumas mudanças nas personagens femininas na literatura ficcional, que passam a ser retratadas de maneiras ligeiramente distintas daquelas citadas anteriormente - agora podemos encontrar personagens mais profundas, misteriosas, evoluídas e até mesmo lidas como feministas por suas visões de mundo e suas ações em seus enredos. Nesse sentido, Victor Hugo (2020) destaca “a fórmula John Green” como o principal exemplo dessa mudança nas últimas décadas, referindo-se às obras escritas pelo autor John Green e suas protagonistas sempre carregando frases de efeito e filosofias de vida relativamente profundas para o que se esperaria de adolescentes de 16 a 17 anos, que, no entanto, nada mais fazem nas tramas do que servir como guias morais dos seus respectivos interesses românticos. O estereótipo de “ela é tão diferente das outras”, costumeiramente associado ao clichê “*pick me girl*”, está presente, por exemplo, na personagem Margo Roth Spiegelman, que segundo Quentin (protagonista do livro “Cidades de Papel”, do autor citado): “[...] sempre adorou um mistério. E, com tudo o que aconteceu depois, nunca consegui deixar de pensar que ela talvez gostasse tanto de mistérios que acabou por se tornar um” (Green, 2008, p. 15).

Em contrapartida, um gênero literário vem se destacando por oferecer uma nova perspectiva referente ao protagonismo feminino é a distopia. Entendida como um subgênero da ficção especulativa, ligada à ficção científica, a distopia retrata sociedades futuristas marcadas por opressão, desigualdade e controle autoritário, geralmente sob a aparência de ordem e progresso em um mundo pós-apocalíptico (Hilário, 2013). Usualmente, essas narrativas se passam em contextos onde há um certo nível de avanço tecnológico — não é regra que haja de fato tecnologia para todos, mas este é um elemento presente, por exemplo, em “Jogos Vorazes” (2008) —, mas esse progresso é utilizado para vigiar, manipular ou submeter a população a um controle mais incisivo. Ao apresentar cenários alternativos, futuros distópicos ou sociedades tecnologicamente avançadas, a ficção especulativa possibilita a construção de narrativas que desafiam convenções e imaginam novas formas de organização social, inclusive nas relações de gênero.

Enquanto uma literatura com apelo juvenil, a ficção especulativa pode exercer uma influência significativa na formação de valores e identidades dos/as seus/suas leitores/as. Tais narrativas contemporâneas têm promovido a construção do pensamento crítico ao confrontar estruturas de poder e papéis de gênero, permitindo que seu público, por meio de seus enredos, questionem e redefinam conceitos tradicionalmente arraigados, a exemplo das distinções entre masculinidades e feminilidades. Além disso, ao apresentar protagonistas femininas em papéis ativos, essa literatura tem oferecido referências e outros modelos de identificação para jovens, contribuindo para a desconstrução de estereótipos e a promoção de uma visão mais diversa das relações sociais, como um reflexo dos avanços dos estudos de gênero e o impacto dos movimentos feministas na literatura especulativa contemporânea, que passa a incorporar personagens femininas mais complexas e multifacetadas, a exemplo da protagonista de “Jogos Vorazes”. Essas protagonistas não apenas ocupam posições centrais nas tramas, mas também questionam as normas sociais, tornando-se símbolos de resistência, autonomia e transformação social.

Ao abordar a representação feminina em contextos ficcionais que questionam normas sociais e disponibilizam sentidos e significados acerca do mundo e o futuro que supostamente nos espera, a ficção especulativa e as respectivas obras literárias que se valem deste gênero podem, a partir do campo dos Estudos Culturais, serem consideradas como pedagógicas. Dessa forma, passamos a vislumbrar um “currículo cultural não escolar” que compõe estas obras, afinal, quando “informações, aprendizagens, sentimentos e pensamentos são articulados, está-se compondo o texto de um currículo” (Maknamara, 2020, p. 59). Especificamente em relação às obras de ficção especulativa, trata-se de um currículo que

veicula representações sobre diversidade, inclusão e justiça social, fazendo com que os/as leitores/as possam aprender “novas habilidades, capacidades, modelos de sociabilidade e afetividades” (Maknamara, 2020, p. 59), a partir de uma reflexão sobre as desigualdades estruturais presentes na sociedade contemporânea.

A ficção especulativa, portanto, não apenas se configura como um espaço de entretenimento, mas também como mais um produto social “no qual o significado é fixado, em que a diferença e a identidade são produzidas e fixadas, em que a desigualdade é gestada” (Costa, 2005, p. 138). Ao propor novas possibilidades de existência e questionar paradigmas sociais, essas narrativas contribuem para a construção de um imaginário coletivo mais diverso e inclusivo, essencial para a formação de sujeitos interessados na transformação social.

Vale dizer que a escolha da temática desta pesquisa surgiu a partir da reflexão sobre a ficção especulativa sob a ótica da adolescência, a partir de experiências próprias advindas de momentos nos quais eu me envolvia durante horas na leitura intensa de variadas distopias. Foram conhecimentos dessa fase que, enquanto pesquisadora, precisei analisar com mais atenção; assim, retomei a reflexão sobre esses aprendizados, as coisas que me foram ensinadas através das palavras e dos acontecimentos que acenderam, figurativamente, uma “lâmpada” em minha mente. Daí que surgiu o “insight” sobre o potencial que estas obras poderiam proporcionar: uma educação advinda do próprio livro, sem a necessidade de uma “instrumentalização” por parte de um/a professor/a, mas da própria pedagogia que o livro exerce e do currículo cultural não escolar que ele produz.

Nesse sentido, o presente artigo, oriundo de um Trabalho de Conclusão de Curso, tem por objetivo geral analisar o primeiro livro da saga “Jogos Vorazes”, de Suzanne Collins (2008), evidenciando seu papel enquanto currículo cultural não escolar e seu papel na construção das subjetividades dos/as leitores/as, a partir das discussões possibilitadas no que diz respeito às relações de gênero apresentadas na obra.

2. ESTUDOS CULTURAIS E EDUCAÇÃO

Além das contribuições das teorias feministas, este trabalho é fundamentado no campo dos Estudos Culturais em Educação, campo este que fornece um arcabouço teórico relevante para compreender a inserção das mulheres na literatura especulativa, pois como destacam Costa, Silveira e Sommer (2003, p. 39), “a cultura é agora um dos elementos mais dinâmicos – e mais imprevisíveis – da mudança histórica”. Dessa forma, a representação das mulheres na ficção especulativa pode ser vista como um espaço de negociação de significados e

resistência a padrões impostos pela sociedade, sobretudo em um contexto contemporâneo de avanço de pautas conservadoras e reacionárias em âmbito global.

A educação, tanto no contexto diegético das obras, quanto na reflexão crítica sobre elas, é um elemento fundamental para a formação de novas perspectivas sociais. Segundo Escosteguy (2000, p. 3), os Estudos Culturais “constituem um campo interdisciplinar onde certas preocupações e métodos convergem”, permitindo uma leitura da educação como um processo de empoderamento feminino nas narrativas especulativas aqui citadas. A análise da literatura especulativa sob a perspectiva do protagonismo feminino evidencia a importância das narrativas na formação de novos paradigmas educacionais e sociais. Ao destacar a resistência das personagens femininas e a reconfiguração do conceito de educação, esses textos culturais abrem espaço para uma reflexão sobre o papel das mulheres na construção de futuros alternativos, para este “*brave new world*” que se anuncia.

Nesse sentido, estamos nos valendo dos Estudos Culturais enquanto um campo interdisciplinar que investiga a cultura como um conjunto complexo de práticas, representações e significados, oferecendo uma perspectiva valiosa para analisar a ficção especulativa e seus impactos na sociedade. De acordo com Stuart Hall (1997), a cultura não deve ser vista apenas como um reflexo das estruturas sociais, mas como um campo de batalha no qual os significados são constantemente negociados e reconfigurados. Assim, analisar essas narrativas a partir da ótica dos EC permite uma análise das representações culturais, especialmente em relação às dinâmicas de poder presentes na sociedade.

Na perspectiva dos Estudos Culturais, o texto literário é analisado como artefato cultural, assim se volta à produção de subjetividades, segundo Maknamara (2020). Afinal,

Textos produzem e disponibilizam formas particulares de ver, saber, sentir e descrever e, assim, concorrem para processos de subjetivação. Como textos, artefatos culturais são textos curriculares também, quando se compreende currículo como qualquer forma de organização de conhecimentos (Maknamara, 2020, p. 69).

Portanto, a literatura se configura como uma pedagogia própria, onde a formação humana se encontra no cultural, permitindo que o sujeito possa assimilar elementos como comportamentos e desenvolver a sensibilidade por meio da exposição a universos que, ainda que presumidamente inventados, estão diretamente associados a anseios da “vida real”. Nesse sentido, a literatura possui a capacidade de organizar e oferecer novos repertórios de habilidades, padrões de interação social e experiências emocionais. Visto que esses artefatos

se tornam currículos, ou seja, ensinam modos de ser/estar no mundo, esses currículos se tornam então objetos de disputa. Como argumentam Nelson, Treichler, Grossberg (2011)

os significados produzidos e transportados pelas narrativas não são nunca fixos, decididos de uma vez por todas. O terreno do significado é um terreno de luta e contestação. Há, assim, uma luta pelo significado e pela narrativa. Através das narrativas, identidades hegemônicas são fixadas, formadas e moldadas, mas também contestadas, questionadas e disputadas (Nelson, Treichler, Grossberg, 2011, p. 199).

3 ENTRE O FEMININO E O DISTÓPICO: FICÇÃO ESPECULATIVA PARA MUNDOS POSSÍVEIS

A fundamentação teórica deste trabalho visa fornecer uma base para a análise do protagonismo feminino na ficção especulativa, significando tais obras como um *currículo cultural não escolar* que se encontra implicado diretamente em processos de regulação de condutas, a partir de saberes que “circunscrevem aquilo que pode ser pensado sobre essas condutas” (Silva, 2003, p. 191). Isso porque compreendemos por “currículo” algo muito mais do que a seleção de saberes de uma determinada matéria escolar, constituindo um artefato que “inclui e excede as limitações impostas pelos esquemas escolares, pela carga horária disciplinar e pelas atribuições dadas pelos/as profissionais de Educação regulamentados/as” (Gurgel, 2022, p. 19).

Em outras palavras, nos interessa o que o texto de um artefato cultural, como o da literatura distópica, disponibiliza em termos de “modos de ser, de pensar e de agir, indicando pensamentos, valores, exercícios e atitudes a serem praticados no sentido de constituição de tipos particulares de sujeito” (Maknamara, 2020, p. 59) Através de uma revisão das principais teorias feministas e dos Estudos Culturais, pretende-se explorar como personagens femininas, a exemplo de Katniss, protagonista de “Jogos Vorazes”, desafiam estereótipos de gênero e, ao mesmo tempo, oferecem modelos de identificação que incentivam a reflexão sobre questões sociais como desigualdade social, relações de poder e resistência. Além disso, busca-se compreender a potencialidade pedagógica da ficção especulativa na construção de identidades, considerando suas possibilidades para em processos de subjetivação dos/as leitores/as em relação ao mundo e à sua posição nele. Ao integrar essas perspectivas, esta pesquisa busca demonstrar como artefato cultural dos livros distópicos pode ser um veículo de (trans)formação, ao fornecer aos/às jovens leitores/as ferramentas para questionar e resistir às normas sociais estabelecidas.

3.1 Ficção Especulativa e o Protagonismo Feminino

A ficção especulativa, compreendendo subgêneros como ficção científica, fantasia e distopia, tem sido um espaço significativo para a discussão de questões sociais e culturais. Esse gênero permite a exploração de futuros alternativos, mundos imaginários e realidades distorcidas que frequentemente servem como espaço de experimentação para questões ligadas a gênero, poder e identidade (Baccolini; Moylan, 2003). Dentro desse universo, o protagonismo feminino tem ganhado destaque, apresentando personagens que desafiam papéis de gênero tradicionais e assumem posições de liderança, agência e transformação.

Tais personagens frequentemente têm questionado estruturas patriarcais³ e exploram novas formas de subjetividade. O protagonismo feminino na ficção especulativa não apenas amplia as representações de mulheres na literatura, mas também possibilita reflexões sobre dinâmicas de poder e justiça social (Attebery, 2018). No entanto, o papel das mulheres nesses universos fictícios tem sido variado, oscilando entre a marginalização e o protagonismo.

Um exemplo desta oscilação está, por exemplo, na obra literária “Rainha Vermelha” (2015), onde a protagonista Mare Barrow nasce como uma pessoa comum nomeada de “vermelha” — nomenclatura atribuída à condição que os diferencia uns dos outros: a cor do sangue — em um mundo onde as pessoas nobres e com bens são nomeadas de “prateados” e por esta razão, ditam as regras do mundo e da servidão aos que não são bem nascidos como estes. Mare é descrita como uma ladra habilidosa, marginal em sua sobrevivência e para a da sua família, sendo assim mal vista pelo seu meio. Ao longo da narrativa, em um evento onde ela ganha poderes — aptidão que somente pessoas prateadas possuíam até então — Mare é obrigada pelos “prateados” a fingir ser um deles, dessa forma tendo que apagar seus traços, cor de pele e sua própria história para encaixar-se naquele meio como uma prateada nobre. A partir disso, ao longo da obra, para manter-se viva, Mare finge ser outra pessoa, tornando-se uma impostora em sua própria pele.

A literatura distópica, conforme Hilário (2013), configura-se como uma ferramenta de análise radical da modernidade, permitindo uma leitura crítica das estruturas de poder e suas formas de controle sobre a subjetividade. Para Hilário (2013, p. 202), “os frankfurtianos compreenderam a estética, sobretudo a literatura, enquanto campo privilegiado de conhecimento acerca da experiência subjetiva vivenciada pelos homens e mulheres na

³ O patriarcado é um sistema social cujo o homem é a figura central, colocando-se em posição de poder sobre mulheres e outras identidades de gênero, usufruindo de privilégio moral, econômico e político, demonstrando dominância e estruturando as relações desiguais de gênero.

modernidade”. Assim, nos textos distópicos, ao projetar cenários opressivos, pretende-se funcionar como uma espécie de “aviso de incêndio”, alertando para os perigos latentes na sociedade contemporânea e sobre o quão próximos estaríamos daquela ficção potencialmente “real”.

A ficção especulativa e distópica frequentemente apresenta personagens femininas que desafiam as normas sociais, questionando estruturas patriarcais e promovendo reflexões sobre educação e liberdade. Em “Jogos Vorazes”, de Suzanne Collins (2008), por exemplo, Katniss Everdeen encarna um papel de liderança e resistência que se distancia da tradicional figura feminina submissa, ainda que a própria personagem seja colocada nesta posição muito mais em função dos acontecimentos da trama do que por um desejo pessoal de ser líder de uma revolução. Como destaca Neumann et al. (2013, p. 80), “com esse conjunto de textos é possível apresentar um painel que revela a força da literatura distópica como forma de reflexão crítica sobre a sociedade em diferentes momentos da história”.

Nesse sentido, a representação feminina na ficção especulativa tem se tornado um importante campo de estudo devido à sua capacidade de subverter normas sociais e culturais estabelecidas (Russ, 1983, p. 13). Tal literatura permite que as mulheres explorem possibilidades narrativas que ultrapassem os limites da realidade cotidiana, possibilitando a construção de figuras femininas multifacetadas, que vão além dos arquétipos tradicionais de “donzela em perigo” ou “antagonista vilanesca”, assim como a abertura para que mais mulheres escrevam estas obras dentro de um mercado editorial predominantemente masculino e branco. Afinal, como evidenciado pela revista Paulus (2023), “a lista de livros mais vendidos pela Amazon em 2020 é composta por seis homens e quatro mulheres, dos quais oito são brancos e dois são negros.”

Além disso, a introdução de protagonistas femininas em cenários fantásticos ou distópicos permite uma exploração mais profunda das relações entre gênero e poder. Muitas dessas personagens desafiam normas sociais ao assumirem papéis historicamente reservados a figuras masculinas, como liderança militar, estratégia política ou sobrevivência em cenários hostis, como as obras de ficção científica da escritora Ursula Le Guin (1986). Esse aspecto evidencia a importância da ficção especulativa como espaço de questionamento das hierarquias de gênero e como ferramenta de empoderamento para leitoras e leitores.

A presença de protagonistas femininas em narrativas especulativas também contribui para o desenvolvimento da percepção do público sobre questões de gênero, pois, como afirmam Blackburn e Clark (2018), jovens leitores/as tendem a se identificar e internalizar aspectos dos personagens com os quais se envolvem emocionalmente, o que significa que a

exposição a personagens femininas fortes pode influenciar positivamente a construção de identidades e valores mais igualitários, sobretudo para jovens leitoras. Dessa forma, a literatura especulativa não é apenas um espaço de entretenimento e lazer descompromissado, mas também um meio de formação crítica e social, e, portanto, de produção de subjetividades mais abertas à diferença e à diversidade.

A análise das representações femininas, especialmente em um cenário de ficção especulativa, pode evidenciar tanto avanços como retrocessos na luta pela equidade de gênero. Autoras como Octavia Butler (1995), Ursula K. Le Guin (1989) e Margaret Atwood (1989) têm sido fundamentais para desconstruir narrativas dominantes e trazer à tona uma diversidade de vozes femininas, fornecendo modelos de resistência e resiliência que impactam diretamente a educação e a formação de leitores. Esses estudos mostram que a ficção especulativa não é apenas uma forma de entretenimento, mas também um espaço de reflexão crítica e resistência, que pode contribuir para a construção de uma sociedade mais inclusiva e consciente das complexas interações entre os diferentes aspectos da identidade e da cultura.

3.2 Teorias feministas

Para operar analiticamente esta pesquisa, nos valem das teorias feministas, um constructo teórico importante para a análise das representações de gênero na ficção especulativa, além de oferecer ferramentas conceituais que nos ajudam a compreender como os processos de construção de gênero influenciam as narrativas e as percepções sociais dos sujeitos. Autoras como Patricia Hill Collins (2000), Linda Hutcheon (1989) e bell hooks⁴ (1981) fornecem perspectivas interligadas que permitem uma análise detalhada das formas de representação feminina nas obras de ficção especulativa.

Patricia Hill Collins (2000), por exemplo, a partir do conceito de “interseccionalidade”, se refere à sobreposição de diversas formas de opressão, como raça, classe e gênero, e como elas interagem na construção da identidade feminina. Esse conceito tem sido fundamental para compreender como as personagens femininas na ficção especulativa não são representadas de maneira homogênea, mas refletem as complexas interações de diferentes formas de marginalização.

Na ficção especulativa, essas vozes podem desafiar as normas de poder dominantes, propondo formas de resistência através de suas próprias identidades, existências contestantes,

⁴ A grafia do nome da autora em letras minúsculas é uma escolha política desta, que se posiciona contra as convenções estéticas e gramaticais do meio acadêmico ao mesmo tempo que dá maior ênfase aos seus escritos do que a sua escritora.

culturas e a forma como interagem com seus mundos: criticamente, vendo o que há de errado e agindo contrariamente ao que lhes é imposto, seja a desigualdade econômica ou social, mesmo que haja perigo constante ao buscarem equidade social.

Na obra “Parábola do Semeador”, de Octavia Butler (2018), por exemplo, somos apresentados a um mundo distópico que se inicia a partir de colapsos de variadas ordens - climáticos, sociais, políticos e econômicos -, causando a falta de recursos essenciais à vida, como a água, o que acarreta em uma violência desenfreada e forte tensão racial. Sua análise da subordinação e silenciamento das mulheres nos discursos literários abre uma nova perspectiva sobre como a ficção especulativa pode servir como uma plataforma para as vozes femininas e para a contestação das estruturas de poder. A partir dessa perspectiva, as representações femininas nas obras de ficção especulativa não são meros reflexos da realidade, mas sim espaços de resistência e reconfiguração de identidades.

Linda Hutcheon, conhecida por suas contribuições à teoria pós-moderna, analisa a ficção observando que nela há frequentemente uma reinterpretação das normas culturais e sociais e por isso questionamos as barreiras consideradas existentes. “Por exemplo, agora estamos questionando essas fronteiras entre o literário e o tradicionalmente extraliterário, entre a ficção e a não-ficção, e, em última hipótese, entre a arte e a vida [...]” (Hutcheon, 1991, p. 282). O que permite que na ficção especulativa haja uma abertura ao imaginário sobre possíveis realidades, dentro das tramas e expectativas enquanto as experiências das personagens, onde elas mesmas “tomam” as rédeas de suas vidas e refazem as estruturas de poder vigente.

bell hooks, uma das vozes mais influentes do feminismo interseccional, contribui em sua obra “Teoria feminista: da margem ao centro” (2019) explorando a maneira como a representação de gênero nas culturas populares reflete e reforça as desigualdades de poder, e que as mulheres devem se aliar diante da opressão, como se reflete em sua fala: “enquanto as mulheres estiverem usando o poder de classe ou raça para dominar outras mulheres, a irmandade feminista não poderá ser plenamente realizada” (hooks, 2019, p. 135).

hooks, em sua obra “O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras” (2018), analisa a maneira como as representações femininas, em muitas narrativas de ficção, continuam a ser limitadas a papéis tradicionais ou estereotipados, como o da “dama em perigo” ou da “heroína moldada pelos desejos masculinos”. Para hooks (2018), a ficção tem o potencial de dismantelar essas representações normativas e criar novas formas de representação que não apenas desafiem as expectativas de gênero, mas também promovam uma mudança nas dinâmicas de poder entre os sexos. A representação feminina, segundo a

autora, deve ser um reflexo da luta contínua pela emancipação das mulheres e pela redefinição do papel da mulher na sociedade. Na ficção especulativa, novos elementos são adicionados, como apresenta Andréa Coutinho (2008, p. 17):

Essa narrativa, quando literária, envolve elementos ficcionais, intuitivos, fantasiosos, virtuais e elementos racionais, técnicos e científicos. A associação de ambos cria uma narrativa que seria ficcional e científica, ao mesmo tempo que simula uma nova realidade, embora não no mesmo formato que aquela amparada nos aparatos tecnológicos.

Essas teorias feministas são particularmente relevantes para a análise da ficção especulativa, que, ao explorar universos imaginários, permite a quebra de normas rígidas e a criação de espaços alternativos para a representação de gênero. Ao incorporar essas diferentes abordagens feministas, podemos não apenas analisar as representações de gênero nas narrativas especulativas, mas também entender o potencial transgressor dessas obras, que têm a capacidade de desafiar as concepções tradicionais de feminilidade e identidade feminina.

4 “*QUE A SORTE ESTEJA SEMPRE A SEU FAVOR!*”: ANALISANDO “JOGOS VORAZES” ENQUANTO UM CURRÍCULO CULTURAL NÃO ESCOLAR

A protagonista Katniss Everdeen, do livro “Jogos Vorazes” (Collins, 2008), é somente mais uma garota dentre tantas outras no Distrito 12, o último dos 12 paupérrimos distritos que fornecem recursos para a Capital, o metrópole rica, tecnologicamente avançada e politicamente opressora que governa Panem, o nome pelo qual o país passa a ser chamado após os eventos catastróficos que ocorreram há muitos anos, eventos esses que remodelaram o continente. Suzanne Collins não persiste em detalhes sobre essa parte do passado do seu livro, mas geograficamente compreende-se que Panem é formada onde antes seria a América do Norte, porém com pessoas com variedades étnicas de todo o antigo mundo. O nomeado presidente de Panem, Snow, se mantém há muitos anos no poder e usa de maneiras pouco ortodoxas para isso, se assemelhando mais a um ditador. Se por um lado as pessoas que residem na Capital são admiradoras de sua política, os/as habitantes dos distritos sentem um ódio velado, mas controlado por um regime extremamente opressor.

A previsibilidade na diferença dos afetos direcionados a ele vem do mesmo motivo: os chamados “Jogos Vorazes”, uma espécie de *reality show* que acontece anualmente, no qual um casal de adolescente de cada um dos doze distritos é enviado para se digladiarem até a morte em uma arena, até um único vencedor ou vencedora ser o último sobrevivente. Os jogos

são usados ao mesmo tempo como uma propaganda política para a contenção de ímpetos rebeldes dos distritos como também entretenimento para a Capital, uma vez que 74 anos atrás os mesmos distritos se rebelaram contra o governo, revoltados com toda a exploração dos seus recursos com o objetivo de manter a riqueza da sede do governo, um local em que as pessoas privilegiadas possuem modos de vida individualistas às custas da pobreza de muitos/as.

Os moradores dos distritos possuem poucos recursos materiais, mas eles elevam suas existências de outras formas, com os saberes marginalizados, resistindo em sua própria cultura, músicas e contações de histórias orais as quais perpassam gerações. Eles também fazem gestos simbólicos, como por exemplo, elevar a mão a boca com somente três dedos, para então erguê-los ao alto após beijá-los como forma de dizer “adeus”, uma despedida respeitosa, mas que faz parte de uma cultura ignorada para além da fronteira do chamado “distrito doze”. O gesto se ressignifica diante de seus opressores, como na cena em que Katniss, protagonista do livro, se voluntaria para ir para a arena no lugar da sua irmã, assim se doando aos jogos naquele ano.

[...] Então algo inesperado acontece. No mínimo, eu não esperava porque não pensava no Distrito 12 como um lugar que se importa comigo. Mas uma mudança tem ocorrido desde que eu subi para tomar o lugar de Prim, e agora parece que eu tenho me tornado uma pessoa preciosa. O primeiro, depois outro, então quase todos os membros da multidão tocaram os três dedos do meio das suas mãos esquerdas para os seus lábios e seguram por mim. É um velho e raro gesto usado no nosso distrito, ocasionalmente visto em funerais. Significa obrigada, significa admiração, significa adeus para alguém que você ama. (Collins, 2008, p. 17).

No currículo cultural de “Jogos Vorazes”, a família é um signo importante, evidenciado neste momento em que Katniss abdica da própria liberdade para se lançar em um jogo em que provavelmente não sobreviverá, apenas para livrar a sua irmã mais nova, pela qual se sente responsável devido o estado mental da sua mãe. Nesse sentido, trata-se de um artefato que evidencia a necessidade de manter os laços familiares mesmo em tempos de privação de liberdade e miséria, como é o caso do mundo distópico de “Jogos Vorazes”.

Katniss mora na parte considerada por todos do distrito 12 como a mais desprovida de recursos, intitulada de “costura”, e com a morte do pai ainda quando criança, com uma mãe instável emocionalmente e uma irmã mais nova para alimentar, ela se percebe entrando muitas vezes na parte proibida aos moradores do distrito. Esta área, que fica além da cerca, em rota ao caminho para a floresta, é onde ela constantemente caça animais para prover o sustento de

sua família. Assim como faz também seu amigo Gale, que, como ela, é citado como não-branco, com características físicas que seriam dos povos originários norte-americanos⁵.

Eu assisto enquanto Gale tira sua faca e corta o pão. Ele podia ser meu irmão. Cabelo escuro liso, pele cor de oliva, nós até temos os mesmos olhos cinzentos. Mas não somos parentes, pelo menos não próximos. Maior parte das famílias que trabalham nas minas se assemelham dessa forma. É por isso que minha mãe e Prim, com seus cabelos claros e olhos azuis, sempre parecem fora de lugar (Collins, 2008, p. 4).

Nota-se que a autora prezou em incluir detalhes culturais na narrativa que apontam para a conexão com comunidades indígenas. Isso está presente em elementos como a habilidade de caça para a sobrevivência e até mesmo o nome da protagonista, pois Katniss (*Sagittaria sagittifolia*) é um nome de uma planta que cresce em áreas pantanosas e tem uma raiz nutritiva que pode ser ingerida. Fora do amparo ficcional, tal planta era bem presente na alimentação de povos indígenas nativos-americanos, segundo o Missouri Botanical Garden (*s.d.*) e também o Plant Guide (*s.d.*) Emerge assim na trama como mais uma simbologia no mundo de fome da própria protagonista, que também tem características semelhantes a da planta, atrelada à sobrevivência e resistência. Além disso, é mencionado no livro que a família sobreviveu muito tempo pela ingestão da planta após a morte do patriarca, que até então era o provedor. A autora Suzanne Collins revelou a origem do nome *Katniss* diretamente em uma entrevista de 2009 feita pela Scholastic⁶.

Em conversa com Gale, num diálogo inicial, ambos estão debatendo sobre os jogos e suas perspectivas de futuro, com medo de ter seus nomes sorteados na chamada “colheita” - o fatídico dia do ano em que todos/as aqueles/as com idade entre doze e dezoito anos devem comparecer diante de alguns membros da capital, para esperar o sorteio dos dois nomes que o/a apresentador/a pronunciará ao tirar o papel da urna. É um dia indubitavelmente terrível para as pessoas nos distritos, onde o risco é eminente de sair seu nome caso seja adolescente ou, caso seja mais velho/a, veja sair o nome de um/a filho/a, parente ou pessoa querida que conheça, para ir para a arena e talvez nunca mais voltar.

Gale quase sugere que ambos fujam dali, mas emenda com “*se nós não tivéssemos tantas crianças...*” (Collins, 2008, p. 8), referindo-se a seus irmãos e irmã, assim como também a própria irmã de Katniss, Prim. Reflexivamente, Katniss pensa no quanto passam

⁵ Vale destacar, no entanto, que embora o livro traga citações ambíguas que descrevam tais personagens a algo mais próximo a uma etnia nativo-americana, ambos foram protagonizados por pessoas brancas na adaptação do livro ao cinema (a atriz Jennifer Lawrence e o ator Liam Hemsworth).

⁶ Editora educacional dos EUA.

por muitas necessidades básicas e que suas respectivas mães também precisam dos dois para o alimento que ambos conseguem ao caçar na floresta, então pronuncia: “*eu nunca quero ter filhos*” (Collins, 2008, p. 8). Nesse sentido, o artefato cultural aqui analisado apresenta uma visão distinta a várias produções literárias em relação à maternidade e ao cuidado, a partir do momento em que sua protagonista afirma que não colocaria sua prole em um mundo onde não há perspectiva de uma boa vida, no qual não existe um futuro próspero ali onde reside, logo também nenhuma esperança de mudança.

Ao se dispor a ir para os jogos vorazes no lugar de sua irmã mais nova, Katniss se depara com a arena, um grande monumento que demonstra através de seus aparatos tecnológicos o quanto a própria capital detém muita tecnologia, cheia de armadilhas e drones, “bestantes” (feras geneticamente modificadas) e armas, além das câmeras que televisionam todos os acontecimentos em tempo real para os/as telespectadores/as, sendo um lembrete da abundância do qual os distritos não se beneficiam. Andréa Coutinho (2008) enfatiza que os autores de ficção científica utilizam desses mecanismos tecnológicos como uma forma de explicar as tecnologias de cada época e como quebram as barreiras do que pode ou não vir a ser “real” em futuros alternativos.

Assim, a ficção científica é uma narrativa resultante do processo da tecnociência e sua construção só foi possível porque seus autores procuraram explicitar as possibilidades ficcionais que a tecnologia de cada época, cada tempo, permitia. Acabaram por obter, assim, uma interseção entre narrativas, relatos e técnicas, ou seja, entre a arte e a ciência, cruzando as criações tecnológicas com os diálogos narrativos, ficcionais e literários. Como consequência direta, diminuiram as distâncias entre o universo científico, a linguagem da arte e a vida cotidiana. (Coutinho, 2008, p.18).

Durante os jogos, Katniss é posta como uma adversária a ser eliminada por todos/as os/as outros/as jovens ali presentes. No entanto, embora necessite também se valer desta imagem para sobreviver na arena, Katniss se depara com uma outra garotinha chamada Rue, habitante do distrito 11, consideravelmente menor e mais frágil, o que faz Katniss lembrar de sua irmã. Contrariando o incentivo da própria capital para que os/as jogadores/as vejam uns/umas aos/às outros/as como inimigos/as, Katniss vê em Rue uma aliada, construindo uma improvável amizade. Nesse sentido, o artefato cultural aqui analisado evidencia a misericórdia, a amizade e a lealdade como elementos centrais para a sobrevivência em tempos de incerteza. Isto é, ao mostrar Katniss em um papel de proteção, utilizando suas habilidades para ajudar uma criança a sobreviver em uma situação extrema, esse artefato nos ensina a

importância de manter a humanidade mesmo em contextos nos quais a violência é reiterada, esperada e incentivada, principalmente pela simbologia que exerce.

Em meio ao caos da arena, Rue, assim como outros jovens, tem sua vida ceifada. Katniss demonstra sua vulnerabilidade ao sofrer pela perda da garotinha, mas também evidencia a empatia e amor ao olhar com dignidade para aquela cena terrível. Não como espetáculo ao qual os/as outros/as (os/as telespectadores/as) esperariam que se comemorasse. No entanto, ela sente o mais profundo luto ao ouvir o canhão que anuncia a morte.

Por um momento, fico sentada lá, observando minhas lágrimas caírem em seu rosto. O canhão de Rue dispara. Eu me inclino para frente e pressiono meus lábios contra sua testa. Devagar, como se para não acordá-la, deito sua cabeça no chão e libero sua mão (Collins, 2008, p. 146).

Katniss se sente indignada com a capital; ela exala ódio e dor no momento em que decide que é preciso envergonhá-los, mesmo que não possa fazer muito dentro da arena. Ela organiza o cadáver de Rue de maneira que pareça ter um velório digno e, no impulso, lembra-se do gesto de “adeus” do seu distrito e o dedica a Rue diante de todas as câmeras que a cerca, obrigando a capital a exibir aquele protesto para todos/as que acompanham a transmissão em tempo real.

Eles vão ter que exibir isso. Ou, mesmo se eles escolham virar as câmeras para outro lugar nesse momento, eles vão ter que trazê-las de volta quando coletarem seus corpos e todos a verão então e saberão que fui eu que fiz. Dou um passo para trás e dou uma última olhada para Rue. Ela realmente poderia estar dormindo na campina, apesar de tudo. “Tchau, Rue,” sussurro. Pressiono os três dedos do meio da minha mão esquerda contra meus lábios e estendo-os em sua direção. Então me afasto sem olhar para trás (Collins, 2008, p. 147).

Katniss Everdeen se destaca por sua habilidade de tomar decisões difíceis em um ambiente de extrema violência, assumindo papéis de liderança em momentos de crise. A sua figura de heroína coexiste com seus traços de vulnerabilidade, tornando-a humana e resistente, questiona a representação tradicional das mulheres na literatura e oferece uma alternativa potente de identidade relativamente ao feminino. Nesse sentido, entendemos identidade como um elemento não-fixo, um processo contínuo e em constante mudança. Isto é, “formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (Hall, 1987, p. 13), a exemplo dos artefatos culturais que consumimos, como este livro aqui analisado.

No final da trama, Katniss é uma das últimas sobreviventes juntamente a Peeta, o garoto de seu distrito. Ela sugere que ambos se sacrifiquem com frutas venenosas, para que dessa forma não haja nenhum vencedor naquela edição, mas são impedidos pelos produtores. Ambos saem da arena vivos, mas o ato não passa despercebido por Snow, nem pelos rebeldes dos distritos. Consequentemente, Katniss torna-se um símbolo de luta e rebeldia, mesmo que a sua própria revelia. A partir do seu ato de insurgência e de coragem, as pessoas passam a especular uma mudança no país, em seus futuros, indo além do que ela mesma acreditava ser possível de acontecer. Um futuro parece ser possível. Um amanhã parece ser possível. Um “*brave new world*”⁷ feminino é possível.

É nesse sentido que assumimos este artefato cultural como um currículo, permeado de modos de ser/estar e que nos ensina “novas habilidades, capacidades, modelos de sociabilidade e afetividade” (Maknamara, 2020, p. 59). Isso resulta no que Costa, Silveira e Sommer (2003, p. 57) apontam no que se refere à capacidade que os artefatos culturais possuem de exercer um papel formativo na vida daqueles que o consomem, “com efeitos na política cultural que ultrapassam e/ou produzem as barreiras de classe, gênero sexual, modo de vida, etnia e tantas outras”.

Personagens como Katniss Everdeen oferecem exemplos de resistência, resiliência e liderança, características que podem inspirar jovens leitores/as a se engajar mais ativamente na luta por justiça social e igualdade. Além disso, a partir de uma leitura das teorias feministas, consideramos que o processo de identificação com essas figuras femininas permite aos/às leitores/as a desenvolver uma compreensão mais profunda de questões sociais e políticas, especialmente em relação ao gênero, poder, desigualdade social e resistência. Ao refletirem sobre as escolhas dessas personagens e as situações em que elas se encontram, os/as leitores/as são encorajados/as a pensar criticamente sobre as normas que regem a sociedade e a imaginar alternativas para um futuro mais justo e inclusivo (hooks, 2000;).

⁷ Referência ao título da obra de Aldous Huxley (em português o título foi traduzido para “Admirável Mundo Novo”). Trata-se de uma distopia que se passa em um futuro no qual a sociedade é controlada por um governo totalitário científico e os sujeitos são produzidos em laboratórios e divididos em castas. Nossa intenção ao se referir ao título desta obra é, na verdade, subverter a ideia original do livro e pensar em outros mundos possíveis.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo analisar a obra “Jogos Vorazes” o protagonismo feminino na ficção especulativa e seus desdobramentos na educação de jovens leitores/as, tendo como base as contribuições das teorias feministas e dos Estudos Culturais.

Nesse sentido, consideramos que a ficção especulativa oferece um campo rico para a formação deste público, estimulando o desenvolvimento de habilidades críticas, reflexivas e analíticas. Essas obras, frequentemente situadas em cenários distópicos ou futuristas, proporcionam aos/as leitores/as uma oportunidade única de questionar as estruturas sociais, políticas e econômicas que moldam a realidade.

A literatura pode ser uma ferramenta poderosa para a formação de cidadãos e cidadãs críticos, pois permite a construção de uma visão de mundo mais ampla e complexa. No caso específico da ficção especulativa, a introdução de universos alternativos e cenários distópicos desafia os/as leitores/as a refletirem sobre as possibilidades de transformação social e as desigualdades presentes no mundo real, abrindo espaço para o diverso, como argumentado na obra “Seis propostas para o próximo milênio” de Italo Calvino (1990, p. 58) “[...] a função da literatura é a comunicação entre o que é diverso pelo fato de ser diverso, não embotando mas antes exaltando a diferença, segundo a vocação própria da linguagem escrita”.

Além disso, o protagonismo feminino nas narrativas de ficção especulativa pode influenciar diretamente a construção da identidade de quem lê. Ao se identificarem com essas personagens, os/as jovens têm a oportunidade de confrontar estereótipos de gênero, perceber a complexidade das identidades femininas e explorar as possibilidades de um empoderamento feminino que vai além das representações tradicionais da mulher na literatura. Essa identificação pode fomentar a autonomia e a agência dos/as leitores/as, estimulando-os a se perceberem como sujeitos capazes de transformar sua realidade (Collins, 2000; Butler, 1990).

Amplia-se então a compreensão das questões de gênero sob ótica feminista ao encontrar nestes enredos personagens femininas que vão além da fadada “Fórmula John Green” como fora citada anteriormente, no início desta pesquisa, pois nas obras distópicas estas personagens não são coadjuvantes ou servem unicamente de parceiras românticas para homens, elas são protagonistas *vivas*, que tomam decisões e existem de forma humana em suas próprias batalhas. Em última análise, este estudo ressalta a importância da ficção

especulativa como um instrumento pedagógico fundamental para a formação de jovens leitores que questionam e tornam-se conscientes das questões de gênero, cultura e poder.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ATTEBERY, Brian. **Fantasy: how it works**. Oxford: Oxford University Press, 2018.

ATWOOD, Margaret. **O Conto da Aia**. São Paulo: Rocco, 1987.

AUSTEN, Jane. **Orgulho e Preconceito**. São Paulo: Martin Claret, 2018.

AVEYARD, Victoria. **Rainha vermelha**. 1. ed. São Paulo: Seguinte, 2015.

BACCOLINI, Raffaella; MOYLAN, Tom. **Dark horizons: science fiction and the dystopian imagination**. New York: Routledge, 2003.

BLACKBURN, Mollie V.; CLARK, Caroline T. **Literacy research for political action and social change**. New York: Peter Lang, 2018.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1990.

BUTLER, Octavia. **Parábola do Semeador**. 1. ed. São Paulo: Morro Branco, 2018.

COLLINS, Patricia Hill. **A interseccionalidade na prática: questões de gênero, raça e classe**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

COLLINS, Suzanne. **Jogos vorazes**. Tradução de Alexandre D'Elia. Rio de Janeiro: Rocco, 2010.

COSTA, M. V.; SILVEIRA, R. H.; SOMMER, L. H. Estudos culturais, educação e pedagogia. **Revista Brasileira de Educação**, n. 23, p. 36-42, 2003.

COSTA, Marisa V. Poder, discurso e política cultural: contribuições dos Estudos Culturais ao campo do currículo. In: LOPES, Alice C. e MACEDO, Elizabeth (Orgs.). **Currículo: debates contemporâneos**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2005b, p. 133-149.

CALVINO, Italo. **Seis propostas para o próximo milênio**. Tradução de Ivo Barroso. 1. ed. [S.l.]: Companhia das Letras, 1990.

ESCOSTEGUY, A. C. Uma introdução aos Estudos Culturais. **FAMECOS - Mídia, cultura e tecnologia**, n. 9, p. 1-4, 1998.

GURGEL, Evanilson. **O que faz um currículo que verte sangue?: nas entranhas de uma subjetividade zumbi**. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2022.

GREEN, John. **Cidades de Papel**. Tradução de Juliana Romeiro. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2008.

HILÁRIO, L. C. **Teoria Crítica e Literatura**: a distopia como ferramenta de análise radical da modernidade. Anuário de Literatura, v. 18, n. 2, p. 201-215, 2013.

HOOKS, B. **O feminismo é para todo mundo**: políticas arrebatadoras. Tradução de Ana Luiza Libânio. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

HOOKS, bell. **Teoria feminista: da margem ao centro**. São Paulo: Perspectiva, 2019. 256 p.

HUTCHEON, Linda. **A Poética do Pós-Modernismo**: História, Teoria, Ficção. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1989.

LE GUIN, Ursula K. **A Mão Esquerda da Escuridão**. São Paulo: Aleph, 2015.

LE GUIN, Ursula K. **The language of the night**: essays on fantasy and science fiction. New York: Putnam, 1986.

MAKNAMARA, M. Quando artefatos culturais fazem-se currículo e produzem sujeitos. **Reflexão e Ação**, v. 28, n. 2, p. 58-72, 2 jun. 2020.

Missouri Botanical Garden. **Sagittaria latifolia**. Missouri Botanical Garden Plant Finder. [s.d] Disponível em: <https://www.missouribotanicalgarden.org/plantfinder/PlantFinderDetails.aspx?taxonid=27565>
1. Acesso em: 05 dez. 2025.

NELSON, Cary; TREICHLER, Paula A.; GROSSBERG, Lawrence. Estudos Culturais: Uma introdução. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Alienígenas na Sala de Aula**: Uma introdução aos estudos culturais em educação. 9.ed. Petrópolis, RJ - Vozes, 2011, p.7-38.

NEUMANN, A. L.; SILVA, T. A. C.; KOPP, R. Comunicação e Educação na Literatura Distópica: de Nós (1924) a Jogos Vorazes (2008). **Revista Jovens Pesquisadores**, v. 3, n. 1, p. 80-96, 2013.

PEREIRA, Enzo de Sousa. Entendendo a ficção especulativa: origem e características. In: _____. **Literatura em cena**: a ficção especulativa e o cinema brasileiro contemporâneo. 2023. 79 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Letras - Campus Bacanga) - Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2023.

RIBEIRO, Pedro. **Editora Scholastic entrevista a autora Suzanne Collins**. Distrito 13, 2013. Disponível em: <https://www.distrito13.com.br/suzanne-collins/entrevista-scholastic/>. Acesso em: 01 nov. 2025.

RUSS, Joanna. **How to suppress women's writing**. Austin: University of Texas Press, 1983.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

United States, U.S. Department of Agriculture, Natural Resources Conservation Service (USDA NRCS). Broadleaf Arrowhead – **Sagittaria latifolia** [PDF]. [s.d] Disponível em: https://plants.usda.gov/DocumentLibrary/plantguide/pdf/pg_sala2.pdf. Acesso em: 05 dez. 2025.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todas as mulheres da minha vida. A primeira, minha mãe Marlucia, que esteve além do meu lado: à minha frente, pavimentando a estrada da vida para que minha caminhada não fosse sobre pedras e que doesse menos. Às demais mulheres: Terezinha e Karleide, que semearam também em minha estrada lindas sementes, para que assim rendesse frutos frondosos e eu os pudesse colher enquanto a trilhasse. Ademais, a minha família e aos meus queridos colegas e amigos, que estavam verdadeiramente segurando minhas mãos quando me faltou fôlego e os joelhos falharam para dar os passos necessários, ergueram-me de volta, obrigada. A meu legítimo orientador, ao qual me ensinou a arte que pode ser a docência, Evanilson Gurgel, minha maior referência acadêmica e de personalidade, receba minha gratidão por tudo, principalmente pela paciência e zelo.